

Máquina abstrata: o princípio transcendental das condições da realidade

Abstract machine: the transcendental principle of the conditions of reality

CARLA DOS SANTOS CUSTÓDIO¹

Resumo: Este trabalho propõe-se a examinar o conceito de *máquina abstrata* tal como desenvolvido por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*, com ênfase no volume 5 da edição brasileira (1997). Nosso objetivo é retomar o sentido que marca esse conceito, isto é, sua definição enquanto princípio transcendental. Tal abordagem nos conduz a uma reavaliação do transcendental na filosofia contemporânea, particularmente na filosofia deleuziana, em contraste com a concepção moderna do transcendental, cuja formulação clássica encontra-se no idealismo transcendental de I. Kant. É notório que Deleuze atribui a Kant a inauguração do transcendental na modernidade, mas não sem críticas. Nesse contexto, questionamos se a noção de *máquina abstrata* pode ser compreendida como uma redefinição do campo transcendental. É precisamente essa questão que nos propomos a investigar, a saber: o que significa afirmar que a *máquina abstrata* constitui um princípio transcendental?

Palavras-chave: *Máquina abstrata*. Transcendental. Empírico. Princípio.

Abstract: This paper aims to examine the concept of the *abstract machine* as developed by Deleuze and Guattari in *A Thousand Plateaus*, with particular emphasis on volume 5 of the Brazilian edition (1997). Our objective is to revisit the meaning that defines this concept, namely, its characterization as a transcendental principle. This approach leads us to a reassessment of the transcendental within contemporary philosophy, particularly in Deleuzian thought, in contrast to the modern conception of the transcendental, whose classical formulation is found in the transcendental idealism of Immanuel Kant. It is well known that Deleuze attributes to Kant the inauguration of the transcendental in modernity, though not without criticism. In this context, we ask whether the notion of the *abstract machine* can be understood as a redefinition of the transcendental field. It is precisely this question that we propose to investigate: what does it mean to affirm that the 'abstract machine' constitutes a transcendental principle?

Keywords: *Abstract machine*. Transcendental. Empirical. Principle.

Introdução

Conforme Deleuze, foi I. Kant quem inventou a noção de campo transcendental, quando, na *Crítica da razão pura*, “[...] coloca a questão *quid juris?* com vistas a determinar um novo fundamento do conhecimento, não metafísico, mas transcendental” (LAPOUJADE, [2014], 2015, p. 53). Ao questionar a

¹ Mestranda em filosofia na Universidade Estadual de São Paulo (USP), bolsista da FAPESP, instituição que possibilita a realização desse trabalho.

E-mail: carla_santoscustodio@usp.br

possibilidade, limites e aplicabilidade do conhecimento humano, Kant estaria efetivamente redefinindo os fundamentos da filosofia ocidental que determinariam os seus desdobramentos nos séculos XIX e XX.

Além disso, Deleuze argumenta que, com a introdução do campo transcendental², Kant abriu espaço para uma análise das condições que moldam a realidade. Ele sugere que o transcendental acabou por sobrepor-se ao empírico, restringindo assim a compreensão da realidade apenas às suas possibilidades, em detrimento das condições reais da experimentação. Deleuze ressalta a importância de distinguir claramente entre o empírico e o transcendental, pois são de naturezas diferentes. Isso nos leva a uma advertência fundamental:

Noção alguma pode ser transposta do empírico ao transcendental: é por isso mesmo que a noção de sujeito não pode aparecer no transcendental, mesmo purificada etc. Tudo o que é válido no empírico deixa de sê-lo no transcendental (DELEUZE, 2015, p. 90).

Diante da nova conceitualização de Kant sobre o campo transcendental, Deleuze empenhou-se em destacar as lacunas e problemas encontrados na abordagem do filósofo alemão. Seu objetivo era provocar uma revisão e reconfiguração do conceito transcendental. Essa reconfiguração foi realizada por meio da ideia de Deleuze do empirismo transcendental:

A ideia de um empirismo transcendental mantém, de uma parte, que há uma diferença de natureza entre o empírico e o transcendental e supõe, de outra parte, que o próprio transcendental é experiência, experimentação; enfim, coloca uma imanência completa entre os dois (DELEUZE, 2015, p. 90).

Nessa perspectiva, Deleuze produziu, ao longo de *Mil Platôs*, conceitos que permitiriam que a realidade se exprimisse em sua imanência. Dois desses conceitos são a *máquina abstrata* e os *agenciamentos concretos*. A respeito desses dois conceitos, Deleuze escreveu em uma carta, de 1982, para Josph Emmnuel Voeffray (DELEUZE, 2018), que em seu trabalho atual (*Mil platôs*) com Guattari ambos tinham como propósito pensar o campo transcendental (plano da

2 Em Kant, o transcendental se define como “todo conhecimento que, em geral, não se ocupa tanto com objetos, mas com nosso modo de conhecimento dos objetos na medida em que ele deve ser possível a priori” (KrV, B 25).

realidade imanente a si mesma) e a sua efetuação no plano empírico (plano das realidades concretas), sobretudo, por meio da *máquina abstrata* e dos *agenciamentos concretos*. Era essa a direção que os dois filósofos queriam seguir em sua obra conjunta.

Mil platôs enseja a realização da imanência entre o empírico e o transcendental ao pensar o campo transcendental como experimentação. Não é por acaso que a realidade passa a não ser compreendida a partir do prisma do sujeito e do objeto. Para Deleuze e Guattari, a realidade tende a ser pensada a partir de si mesma, dado que ela está muito além e aquém do par sujeito-objeto. Na verdade, o par sujeito-objeto surge posteriormente como fruto dessa mesma realidade.

O conceito de *máquina abstrata* expressa justamente essa subversão ao modo de pensar, uma vez que não é mero objeto, como não é algo subjetivo. Todavia, se a *máquina abstrata* não se reduz a essas duas instâncias, o que ela é? Ela é princípio transcendental, mas não conforme Kant, uma vez que a *máquina abstrata* é princípio das condições reais da realidade. Expor essa nova reconfiguração se torna o objeto dessa escrita.

120

Mapeamento das possíveis confusões conceituais acerca da máquina abstrata

Deleuze e Guattari explicitaram, ao longo de *Mil Platôs* um dos seus mais importantes conceitos, a saber, a *máquina abstrata*. A *máquina abstrata* é um conceito fundamental para podermos pensar alguns dos outros conceitos formulados por ambos os filósofos, como, por exemplo: a *máquina de guerra* e o *aparelho de Estado*. Muito dessa relevância ocorre porque a *máquina abstrata* explica a *máquina de guerra* e o *aparelho de Estado*, já que ela é o princípio transcendental da realidade.

Antes de abordarmos o conceito em si, faremos um movimento contrário. Isto é, apontaremos alguns dos (pre)conceitos, especificamente errôneos, que podemos ter ao não sermos fiéis e atentos ao conceito de *máquina abstrata*. Para esse propósito, racharemos o conceito duplamente. Ou seja, preliminarmente,

listaremos três perspectivas que, muitas vezes, ocorre quando nos deparamos de modo mediato com a noção de máquina, a saber: uma visão mecanicista, vitalista e tecnológica. Por outro lado, pretendemos apresentar uma ideia acerca da qualificação abstrata da máquina que pode nos remeter erroneamente a um platonismo.

Abordaremos essas interpretações antecipadas e inadequadas para esse estudo, uma vez que possuem grandes chances de acontecer. Isso porque, durante alguns momentos históricos, essas perspectivas foram tomadas como dominantes para investigar e apreender o mundo. Enfim, planejamos compreender a *máquina abstrata* e entender o motivo desse conceito fugir das visões elencadas acima.

Quando estamos diante da ideia de máquina pode acontecer de a tomarmos como algo que se refere a um conjunto de mecanismos. Quer dizer, a uma máquina percebida como uma combinação de peças técnicas que formam, em específico, uma estrutura eficiente para um funcionamento mecânico. Tal assimilação, frequentemente, se sucede, porque esse termo foi muito difundido pelas teorias mecanicistas que se desenvolveram por volta do século XVII.

De maneira breve, alguns dos filósofos e cientistas mecanicistas dessa época pressupunham que o universo poderia ser entendido como um conjunto mecânico, no qual os fenômenos naturais seriam reduzidos à matéria e ao movimento. A matéria e o movimento, nessas teorias, nada mais seriam do que mecanismos determinados por princípios mecânicos determinantes e unificadores, como, por exemplo, as leis de Newton. Essa apreensão dos fenômenos naturais era elucidada, principalmente, por meio de dois modelos explicativos: a geometria e a máquina.

A geometria, para esses pensadores, conseguia matematizar o mundo, trazendo à luz princípios mecânicos e universais. Esses princípios colocavam em funcionamento a natureza mecânica do mundo. Uma natureza inquestionável aos olhos dos mecanicistas, já que se tratava de princípios universais e geométricos que a orquestravam.

Em contrapartida, por meio da estrutura e do funcionamento da máquina, se gerou um modelo importante para se aplicar na realidade e experimentá-la³. De acordo com Battisti, a utilização da estrutura mecânica e do funcionamento das máquinas estavam diretamente ligados a alguns fatores históricos, vejamos:

O segundo fator, o da construção de modelos explicativos de natureza mecânica, está ligado, em grande parte, à atitude voltada à emancipação científica do saber técnico-artístico renascentista (...) Do ponto de vista epistemológico, isso significa que, para conhecer a natureza, é possível – e por vezes necessário – explicá-la a partir das engenhocas criadas pelo homem. É, portanto, possível inventar mecanismos, máquinas ou modelos mecânicos que permitam compreender a natureza. Mais do que isso, essa perspectiva permite interpelar a natureza, reproduzi-la em laboratório – de onde nasce a ideia da experimentação – e usar tecnologias para conhecê-la, como é o caso do telescópio de Galileu. Isso significa que o homem pode agir sobre a natureza, para conhecê-la e para transformá-la, para o bem ou para o mal (BATTISTI, 2010, p. 30).

Com a revolução técnica do renascimento, as construções de instrumentos técnicos para melhor agir na natureza e entendê-la foram tomando consistência e proporções consideráveis nas sociedades. O que acabou mudando e emancipando na maioria as doxas religiosas e os preconceitos do imaginário social, principalmente acerca da distinção entre aquilo que era artificial e aquilo que era produzido por Deus. Posto que os próprios instrumentos inventados pelo humano serviram naquele momento como modelo explicativo e epistemológico do mundo.

Um mundo mecânico em sua estrutura, em seu funcionamento e em seus princípios causais. Se o mundo assim era visto como um conjunto mecânico, logo, as máquinas criadas pelo humano não seriam distintas do próprio mundo. Elas passariam a ser a própria metáfora do mundo. Em suma, essa é uma perspectiva que podemos ter ao tentar captar de maneira mediata a noção de máquina.

Não obstante, ela não é a única, há também uma visão vitalista da máquina que, segundo Guattari (1992), é, igualmente, inadequada. Pois, “as concepções

3 Experimentação no sentido de que, se o mundo é percebido como um modelo mecânico, saberíamos, desde então, como modificá-lo, aprimorá-lo, prever e controlar seus fenômenos.

vitalistas assimilam-na aos seres vivos” (GUATTARI, 1992, p. 45). A assimilação da máquina aos seres vivos decorre, pois, conforme um aspecto geral dessa corrente filosófica, existe um princípio vital que é comum a todos os organismos vivos.

O mais importante é que se trata de um princípio vital que impulsiona os seres vivos, que explica o mundo. Contudo, vale destacarmos que essa corrente filosófica não é composta por um conjunto único de ideias. Ela é composta, sobretudo, por uma multiplicidade de pensamentos distintos acerca da noção de princípio vital. E por isso o que Deleuze e Guattari vão dispensar, segundo Sanches, é (2008, p. 37):

As noções vitalistas que pretendem explicar o impulso causal dos sistemas mecânicos através de um princípio individual e específico do ser vivo. O vitalismo é considerado tão limitado quanto o mecanicismo, pois, aplica por extensão o mesmo princípio humano a qualquer esfera da realidade. Donde a máquina por exemplo, só pode ser concebida como um mero prolongamento do organismo, uma projeção do humano sob a forma de utensílio.

De maneira ilustrativa, uma visão vitalista da máquina como mero prolongamento do ser humano é uma perspectiva radical e reducionista. Posto que a radicalidade se dá a partir da distinção essencial que alguns vitalistas fazem entre os organismos vivos e os organismos inorgânicos. Essa distinção foi colocada porque, para os vitalistas, o princípio vital é um princípio operatório e ativo pertencente apenas aos seres vivos e não aos organismos inorgânicos (não possuem vida). Se assim o é, os organismos inorgânicos são deste modo impulsionados pelos organismos vivos, já que, os organismos inorgânicos são percebidos como autômatos (sem vida ativa), como passivos.

Nessa levada, a máquina, por não ser um organismo vivo, passa a ser apreendida como um organismo inorgânico que foi criada, principalmente, por seres humanos. Desde tal criação, o humano passou a ser o princípio ativo do funcionamento da máquina, fazendo dela um mero utensílio que depende estritamente do ser humano.

Por último, uma perspectiva tecnológica da máquina pode incitar, dado que, segundo a visão tecnológica, a máquina passa a ser engendrada como instrumentos sofisticados que possuem inúmeros programas, processadores, a

saber: strings de números, software, hardware, JavaScript, entre outros. Por serem diversos sistemas e programas criados pelos humanos, acabaram existindo máquinas muito variáveis entre si, como, por exemplo: máquinas simples, computadores, robótica, inteligência artificial, celulares, notebooks, máquinas domésticas, máquinas geradas para o agronegócio, entre outras. Esses tipos de máquinas se alargaram em quantidade e qualidade na era contemporânea.

Mudando em grande porção a relação que os humanos passaram a ter com o mundo e com as próprias máquinas. A mudança foi tão ampla que se chegou ao ponto de se gerar alguns conflitos entre o humano e as máquinas. Como se aquilo que foi inventado pelos humanos ultrapassasse o próprio inventor. Esse conflito é exibido atualmente dentre aqueles que possuem uma concepção humanista da máquina. Em concordância com Ferreira (2004, p. 3):

A perspectiva humanista é, de longe, a mais praticada atualmente. Com ela, vemos como a tecnologia está ameaçando o humano, desvirtuando-o, corrompendo a sua essência, etc. É uma perspectiva que vê o homem como uma espécie natural distinta, caracterizada pela razão, pelas técnicas e pela cultura, cujas obras, a partir de um certo momento histórico, passaram a ameaçá-lo. O homem é então visto como um ser natural que cria artifícios e que, a partir de um certo momento, passa a ter sua natureza corrompida por estes mesmos artifícios. A máquina começa a vencer o homem e o homem passa a se tornar escravo da máquina.

124

Vemos claramente que a perspectiva humanista da máquina se fundamenta em uma rigorosa distinção entre aquilo concebido como natural (humano) contra aquilo que é meramente um artifício (máquina) produzido pelo essencial. Se o natural é a regra de tudo, logo, o humano como dependente de seu próprio artifício é inaceitável. Visto que, para os sujeitos dotados de razão, a máquina apenas deve servir como meio útil e não como algo que se volta contra seu criador para “dominar” o mundo em seu lugar. Com essa última perspectiva tecnológica da máquina que a reduz a um artifício, temos um suficiente mapeamento que vai nos permitir inibir confusões conceituais ao entendermos, posteriormente, a noção de *máquina abstrata* proposta por Deleuze e Guattari.

Passemos para o outro lado do conceito rachado por nós, isto é, a qualificação “abstrata” da máquina. Uma das possíveis maneiras de imaginarmos

inadequadamente a abstração da máquina é tomá-la como uma ideia platônica. Quer dizer, podemos pensar que, se a máquina é abstrata, ela só pode ser, deste modo, algo que não existe no mundo empírico e, portanto, está acima dele. Naquilo que o filósofo Platão afirmou como o mundo das ideias.

Ele seria um mundo verdadeiro e superior ao mundo empírico, que é um mundo inferior e habitado pela doxa. Se a máquina abstrata pertence a um mundo das ideias, isso a faz uma ideia verdadeira, uma ideia pura de um mundo superior. Mas, não é apenas isso, pois, “as ideias são a essência das coisas, ou seja, aquilo que faz com que cada coisa seja aquilo que é” (REALE, 2003, p. 140). Nesse caso, a máquina abstrata passaria a ser a forma superior, a essência das coisas.

Se tomarmos esse abstrato como algo transcendente podemos cogitar que se trata de uma máquina que se eleva do mundo material para controlá-lo em posição superior. Ou seja, a máquina abstrata tende a se fazer exterior ao mundo empírico, pois, assim o aciona como um fundamento eterno e universal. Contudo, para os autores o sentido de abstrato não seria “[...] como ideias platônicas, transcendentais e universais, eternas” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 241).

Chegamos a um ponto crucial dessa investigação, porque, se tomamos de antemão que a *máquina abstrata* não pode ser confundida com as presunções teóricas que vimos até agora, ao menos uma pergunta se coloca: O que de fato Deleuze e Guattari querem contrapor com o conceito de *máquina abstrata*?

Esboço de nossa investigação sobre a máquina abstrata

Um dos pontos que fazem Deleuze e Guattari se distanciarem das posições teóricas que vimos na seção anterior acerca das ideias de máquina é que, para os autores, não se trata de estabelecer uma relação entre o domínio humano diante da natureza. Ou melhor, um domínio daquilo que o humano produziu tecnicamente para modificar e entender o mundo (mecanicismo), como também não se trata de fazer um confronto entre coisas artificiais e coisas naturais (tecnologia), ou entre coisas projetadas e o projetor (vitalismo). O que realmente se trata de fazer é criar um conceito de máquina que está muito além e aquém do par sujeito-objeto (ou seja, humano-máquina).

Como também do par humano-mundo (isto é, artifícios humanos – visões limitadas de mundo). Pois, esses mesmos pares são atualizações concretas de uma certa maneira distributiva e produtiva da *máquina abstrata*. O que já precisamos saber é que com o conceito de *máquina abstrata* se inaugura a percepção de uma única e mesma realidade imanente. A realidade imanente é um plano das condições reais da experiência concreta, é a condição da realidade criada a si mesma, ou seja, é um plano de imanência dado à imanência mesma.

Conforme Deleuze, “a imanência absoluta existe em si-mesma: ela não existe em algo, ela não é imanência a algo, ela não depende de um objeto e nem pertence a um sujeito” (1995, p. 3). Quando se pensa a imanência em si, se faz uma subversão da própria concepção de mundo, dado que se as condições da realidade são produzidas pela própria realidade imanente, logo, tudo aquilo que um dia veio a existir concretamente foi criado. Melhor dizendo, nada foi dado desde sempre e para sempre, sujeito e objeto são exemplos disso.

Sujeito e objeto são criações que apareceram em um dado momento e que também poderiam não ter aparecido. Até o próprio plano imanência foi traçado, sobretudo, por aquilo que Deleuze e Guattari conceberam como a máquina abstrata. A *máquina abstrata* era descrita pelos autores “como princípio transcendental, princípio de distribuição” (LAPOUJADE, 2015, p. 199). Quando se fala em transcendental, pensemos na imanência dada a si mesma, é a realidade que não se percebe a olho nu, mas que é uma realidade de direito.

A *máquina abstrata* “mal se distingue do plano cujos elementos moleculares e fluxos ela distribui” (LAPOUJADE, 2015, p. 199). Quer dizer, a *máquina abstrata* mal se difere do plano de imanência, pois ambos são compostos por uma mesma matéria intensiva que, em miúdos, são fluxos, são potências, são matérias não formadas, são phylum (força desejante, produtora), são coordenadas, são velocidades. Essa composição da máquina abstrata por fluxos, por forças e potências a torna abstrata.

Abstrata no sentido de não possuir em sua materialidade intensa nenhum conteúdo extenso. Ou seja, abstrata no aspecto de não possuir nenhuma materialidade formada enquanto substância, enquanto objetividade já individuada de antemão. Como na maioria das noções de máquinas vitalistas,

mecânicas e tecnológicas, que são formadas por peças, por programas definidos. Enfim, são formadas por matérias extensas.

Além disso, a abstração da máquina não se refere a uma ideia platônica, transcendente, visto que a máquina abstrata é imanente a si mesma. Ademais, ela é aquém e além dos conteúdos definidos e das funções formais. De outro modo, quanto à abstração da máquina abstrata, Lapoujade afirma: “são indiferentes ao conteúdo efetivo do que distribuem, embora em parte o determine” (LAPOUJADE, 2015, p. 200). Isto quer dizer que, quando a *máquina abstrata* cria novas condições de realidades e as distribui no plano de imanência, ela não está preocupada com o que produziu, ela não está preocupada com o resultado de seu processo, ela está preocupada com o próprio processo, pois ela é o próprio processo.

Melhor dizendo, ela está preocupada com a seleção de matérias intensivas junto de funções informais. As funções informais são os variados funcionamentos que fazem com que os fluxos se mantenham consistentes sem que esses percam a sua potência de devir. Ou melhor, sem que esses percam a sua força de se transformarem em outras relações, principalmente em relações que permitam aumentar suas conexões com outros fluxos. Essa maneira com que a máquina abstrata faz dos fluxos uma condição possível de realidade que está se autotransformando condiz com a potência da própria máquina abstrata. Dado que ela “goza de uma potência de metamorfose (transformação e transubstanciação) correspondentes a matéria-função” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 244).

Mas não se trata de uma metamorfose relativa que, após se transformar, se tornaria uma substância, se faria uma forma fixa. A *máquina abstrata* goza muito mais de uma metamorfose absoluta, pois ela precisou se criar e se autocriar absolutamente. A *máquina abstrata* não foi dada pronta, ela se fez na criação. Quer dizer, na criação de sua própria realidade enquanto fluxos (matérias intensivas) e funções que não buscam uma formalização de algo como uma substância essencial.

Vale destacar também que os tipos de realidades e as condições produzidas pela *máquina abstrata* são distribuídas no plano de imanência de modo

metamórfico. Melhor, a *máquina abstrata* distribui os fluxos em um espaço liso de modo que eles possam se deslizar, para que possam criar movimentações, novas relações e novas funções dinâmicas. Tal espaço é “um espaço aberto, indefinido (...) espaço sem fronteiras, não cercado” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 54). Daí de ser nomeado liso por não possuir estrias, não possuir impedimentos de mobilidade, de produção.

Nesse espaço, as condições de realidade se movimentam como fluxos virtuais, ou seja, como uma realidade possível de se atualizar, ou não, no mundo concreto. Mas, temos que ter claro em nossa análise de que essas realidades existem de direito, ou seja, existem em um abstrato-real. Um abstrato não visível ao nosso olho nu, mas que de fato existe.

O magnífico dessas novas maneiras de realidades virtuais é que elas podem ser muito diferentes entre si, em razão de que, a *máquina abstrata* não possui um diagrama específico. Isto quer dizer que ela não possui uma função determinada. Por não possuir uma função determinada, ela pode fazer nascer funcionamentos diferenciados. Por exemplo, a *máquina abstrata* pode fazer passar “elétrons em pessoa, buracos negros verdadeiros, organitos em realidade, sequências de signos autênticas. (...) Uma dança muda”. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 110).

Ora, não podemos questionar que esse não seja um funcionamento informal, porque elétrons em pessoa fogem de quaisquer funções formais, isto é, foge a quaisquer funções determinadas por organismos vivos, moléculas cósmicas, funções químicas. A *máquina abstrata* cria condições e funcionamentos de realidades monstruosas, instáveis. Mas que são consistentes e inovadoras para a realidade virtual que povoa o plano de imanência.

Até agora viemos falando de uma *máquina abstrata* imanente, mas, “isso não impede de que ‘a’ máquina abstrata possa servi de um modelo transcendente, em condições muito particulares” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 243). Essas condições particulares se referem a um dado acontecimento que modificou o plano de imanência, assim como a potência metamórfica da máquina abstrata. Não conseguiremos dizer quando ocorreu tal acontecimento, mas conseguiremos dizer o processo que gerou o acontecimento em questão.

A princípio, o acontecimento se refere à produção de matérias formadas em um plano de imanência. Não obstante, como isso pode acontecer? Nos indagamos acerca disso, pois de um plano povoado por fluxos fica difícil dizermos que foi uma operação metamórfica da máquina abstrata que passou a produzir as matérias formadas. Portanto, “a questão consiste justamente em saber como as multiplicidades do plano acabam compondo matérias formadas e formas organizada” (LAPOUJADE, 2015, p. 205).

O processo de estratificação e os estratos

Deleuze e Guattari, ao longo dos cinco volumes de *Mil Platôs*, apresentaram-nos de maneira exuberante uma hipótese possível acerca da questão levantada pela seção acima. Tal hipótese nada mais é do que “um fenômeno muito importante, inevitável, benéfico sob certos aspectos, lamentável sob muitos outros: a estratificação” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 70). De maneira breve, em um determinado momento aconteceu de alguns fluxos se aglutinarem, se espessarem uns nos outros no plano imanência. Com essa aglutinação, foi se estancando uma matéria formada, uma matéria aglutinada, como se fosse uma coagulação que entope os fluxos sanguíneos.

No entanto, apesar desses fluxos terem se espessado uns nos outros, eles permaneciam sem uma organização formal. E é aí que a segunda articulação do processo de estratificação começa a se fazer. Ela começa a ocorrer quando a matéria formada se formaliza, ou seja, ocorre quando se organiza uma estrutura mais eficiente que impede parcialmente da matéria formada se desmanchar, de se transformar em fluxos novamente.

Para melhor ilustrar essa segunda via do processo de estratificação, elaboramos um exemplo mais comum, esse se refere quando fazemos tijolos por meio da argila. A argila é uma matéria formada pelas alterações de rochas que condiz com o primeiro processo de aglutinação dos fluxos. Por outro lado, o tijolo seria um modo de organização que se pode fazer dessa matéria formada, a argila (segunda articulação). Mas, não para por aí, porque dessa organização do tijolo pode-se ter outra estrutura mais eficiente, o muro de tijolos. Tentamos explicar

de maneira mais básica, mas eis uma citação complexa que Deleuze e Guattari (1995, p. 71) expõem sobre a dupla operação do processo de estratificação:

A primeira articulação escolheria ou colheria, nos fluxos-partículas instáveis, unidades moleculares ou quase moleculares metaestáveis (substâncias) às quais impor-se-ia uma ordem estatística de ligações e sucessões (formas). A segunda articulação instauraria estruturas estáveis, compactas e funcionais (formas) e constituiria os compostos molares onde essas estruturas se atualizam ao mesmo tempo (substâncias)

Os resultados dessa dupla articulação do processo de estratificação foram nada menos que a produção de “estratos físico-químico, orgânicos, antropomórfico (ou ‘aloplástico’)” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 230). Os estratos são o plano empírico concreto que aparece em um dado momento no plano de imanência. Acreditamos que os estratos sejam o plano empírico concreto, pois foi com a produção de estratos que maneiras de realidades conseguiram habitar em um plano parcialmente fixo. Em um plano que trouxe, de uma certa forma, estabilidade para os corpos organizados.

Quando Deleuze e Guattari falam de estratos, eles se referem justamente à dupla articulação realizada pela estratificação. Contudo, em cada estrato a dupla articulação de estratificação vai se efetuar de maneira diferente. Não conseguiremos elucidar essas maneiras, dado que acreditamos que essas diferentes formas de aplicar a dupla articulação da estratificação é um forte objeto para trabalhos futuros, já que nos remeteria a fazer uma investigação atenta e precisa. O que podemos dizer é que “num estrato só são produzidos corpos físicos e químicos. Num outro, só são produzidos corpos vivos e organizados. Num outro estrato, ainda, só são produzidos corpos sociais, os quais, por sua vez, produzem outros corpos” (LAPOUJADE, 2015, p. 215, 216).

Ora, nos estratos podemos ver nós mesmos. Quer dizer, podemos perceber que as variadas maneiras de existentes aparecem com o processo de estratificação, o humano é fruto de um estrato, as sociedades humanas são estratos, as máquinas técnicas são estratos, os elementos químicos, físicos, orgânicos são derivados dos processos de estratificação. Mas, não nos esqueçamos, o processo de estratificação é “um fenômeno muito importante, inevitável, benéfico sob

certos aspectos, lamentável sob muitos outros” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 70).

Benéfico, pois novamente insistimos em dizer que esse processo possibilitou existirmos, possibilitou as variadas maneiras de existência na Terra. Em contrapartida, esse processo foi extremamente lamentável, porque aprisionou a máquina abstrata imanente fazendo com que ela perdesse a sua potência metamórfica. Não apenas isso, os estratos fizeram com que a *máquina abstrata* não pudesse produzir “[...] outra coisa senão organismos vivos, sociedades humanas organizadas etc.” (LAPOUJADE, 2015, p. 201).

Com toda essa prisão dos estratos, a *máquina abstrata* se tornou um fundamento transcendente dos estratos. Melhor dizendo, a *máquina abstrata* se tornou o princípio superior que desde então opera a formação de matérias formadas e formas organizadas para se criar estratos. Enfim, a *máquina abstrata* se tornou uma potência de captura, captura os fluxos e os imprime uma forma, uma substância, uma ordem fixa.

Conclusão

Ao pensar a *máquina abstrata* como princípio transcendental da realidade, Deleuze e Guattari fazem uma subversão do pensamento acerca da realidade, eles a pensam a partir de si. Quando se faz isso, deixa-se de se fazer uma mera filosofia para começar a se fazer uma geofilosofia. A filosofia sendo geofilosofia está em permanente contato com a Terra, com os processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização da vida. Para os autores, a geofilosofia traz dignidade à realidade, melhor dizendo, a geofilosofia devolve à realidade a sua potência de criar a si mesma, como também criar tudo aquilo que existe em si.

Com o conceito de *máquina abstrata* Deleuze e Guattari inserem o transcendental na imanência. Mas não apenas isso, a *máquina abstrata* faz o campo transcendental funcionar de maneira informal, isto é, sem função determinada. Além disso, podemos perceber o modo como a *máquina abstrata*

imanente produz as condições reais de realidades metamórficas, constituindo-as por matérias intensivas e funções informais.

Vimos como, através da *máquina abstrata*, conseguimos diagnosticar a gênese dos surgimentos de matérias formadas e funções formais, uma vez que, em circunstâncias precisas, ela serviu de modelo transcendente. Esses acontecimentos se referem ao surgimento do processo de estratificação. Isto é, ao aparecimento do processo de formação do plano empírico (estratos).

Por mais que os estratos (físico-químico, orgânico, antropomórfico) foram benéficos enquanto possibilidade de um plano concreto para as realidades individualizadas habitarem, eles, igualmente, foram extremamente maléficos, pois aprisionaram a *máquina abstrata* em sua lógica da dupla articulação (compor matérias formadas e uma organização formal). Com isso, a *máquina abstrata* passou a ser princípio transcendente e o fundamento para se criar estratos. Sua potência se tornou captura, quer dizer, se tornou uma função formal em imprimir uma forma aos fluxos e organizá-los.

132

Referências

BATTISTI, A. *A natureza do mecanicismo cartesiano*. In: Anais do III Encontro da Rede Paranaense de Pesquisa em História e Filosofia da Ciência. Curitiba/PR, 2005, p. 28-46.

DELEUZE, Gilles. *Cartas e outros textos*. Edição preparada por David Lapoujade, traduzido por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. *L'immanence: une vie...* In: Philosophie, n.º 47, 1995, p. 3-7.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1995. v.1 e 2.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1997a. v.4 e 5.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, G e PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo, Escrita, 1998.

FERREIRA, Pedro Peixoto. *Máquinas sociais: o filo maquínico e a Sociologia da Tecnologia*. In: Texto apresentado no evento Arte, tecnociência e política, realizado pelo Grupo de Pesquisa CTeMe no IFCH/Unicamp, 2004.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma ético-estético*. Rio de Janeiro: 34, 1992.

KANT, I. *Crítica da razão pura* (4ª Edição. Tradução de Fernando de Costa Mattos). Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*, v. 1/ Giovanni Reale, Dario Antiseri; [tradução Ivo Storniolo]. - São Paulo: Paulus, 2003.

SHANCHES, A. *Máquinas, copos sem órgãos e pulsões: um diálogo entre o Anti-Édipo de Deleuze e Guattari e a metapsicologia freudiana*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos. 2008.

Submissão: 30. 06. 2025 / Aceite: 14. 07. 2025